

Por Mariana Duccini\*

Um primeiríssimo plano oferece-nos um rosto transfigurado pelo torpor místico. A voz parece desprender-se da composição cênica, assumindo a auto-suficiência das ladainhas que moldam pensamentos, graças à repetição de frases quase desconexas. Paralelamente, pessoas se aglomeram, como se estivessem a esperar pela salvação. Manifestações que beiram a histeria tornam-se a medida da fé.

A possível idéia de tratar-se de fanatismo religioso estrangeiro desfaz-se, já de início, nessa cena do documentário *O chamado de Deus*, de José Joffily. A personagem em questão é uma senhora brasileira, momentos antes do início de uma missa carismática, na paróquia do Padre Marcelo Rossi, em São Paulo.

O filme de Joffily procura demarcar os caminhos propostos, atualmente, por dois segmentos distintos da doutrina cristã: a renovação carismática e um outro grupo, cujos ideais aproximam-se da teologia da libertação (ainda que não se considere como tal). Apesar das seqüências que englobam imagens de missas, reuniões e agrupamentos humanos, a trajetória dos dois grupos é delimitada por meio de personagens individualizadas que, tendo recebido “o chamado”, pretendem abraçar a vida religiosa.

A diferença ideológica entre as duas orientações faz-se nítida desde a

configuração geográfica exposta no filme. Mais do que idéias religiosas em oposição, tem-se um retrato de dois “Brasis” que se opõem: o primeiro, urbano, é o espaço onde o ideal carismático encontra maior ressonância. Milhares de pessoas, entorpecidas pelos rituais-espetáculos, lotam paróquias e estádios de futebol. Para os líderes religiosos, a separação entre a religião e a atuação política é preponderante.

O outro, rural, é exposto como o terreno fértil das idéias religiosas libertárias. Nessas regiões, onde a pobreza é soberana, há a preocupação em se interligar a doutrina e a realidade sócio-econômica dos fiéis. A conscientização política é, talvez, o principal parâmetro a orientar as idéias disseminadas nos rituais.

### As dimensões da fé

A partir do cotidiano dos seis jovens retratados no documentário de Joffily, podemos perceber as motivações que orientaram suas escolhas individuais, relacionando-as com o contexto social em que se inserem. A Igreja, assim como as demais instituições, adapta-se à realidade de seu público – sem, no entanto, despojar-se facilmente dos dogmas cristalizados através das gerações. O eventual anacronismo desses dogmas determinará as modificações lentamente incorporadas pela doutrina.

O momento em que as personagens devem fazer a opção pela vida religiosa é sempre retratado de maneira expressiva. O filme não se furta a ressaltar os conflitos individuais, a separação da família e a vida nos semi-

nários. Esse ponto de vista particularizado (aliado ao espírito de entusiasmo, inerente aos jovens) garante a composição lírica do documentário.

As personagens ligadas à renovação carismática apresentam, de modo geral, um aspecto comum, em relação à escolha: a maioria diz ter recebido “o chamado de deus” em momentos de grande fragilidade pessoal (mortes de familiares, por exemplo). O “chamado” teria sido responsável por lhes devolver a vontade de viver e determinar a mudança para os seminários, onde, entre uma partida de futebol e outra, aprendem táticas modernas de comunicação, a fim de “levar a palavra de Deus às massas”.

Os jovens da doutrina libertária não associam o “chamado” a um momento específico, mas a uma vocação inerente, que, desde muito cedo, motivou-os ao trabalho de conscientização política da comunidade, abrangendo discussões intimamente relacionadas ao cotidiano dos fiéis (algumas vezes, por meio de recursos lúdicos como músicas e dramatizações) – talvez porque o momento de fragilidade pessoal desses jovens coincida com a própria história de suas vidas, em um cenário em que a luta política é, possivelmente, o único meio de se escapar da fome.

### A casa de deus tem quantas moradas?

O conflito expresso pelo documentário de José Joffily – regionalmente polarizado – delimita as áreas de atuação de dois segmentos religiosos, originários da doutrina cristã. A teologia da libertação, personificada por seminaristas da ordem dos franciscanos, tem seu espaço de realização no sertão da Bahia. A renovação carismática é representada por jovens seminaristas de Correias, no Rio de Janeiro.



Essa polarização, que constitui o fio condutor do filme, não é tão nítida em relação à realidade brasileira. O embate de idéias, entre os católicos, a respeito de como atrair os fiéis, a forma de organização de cultos e rituais e mesmo o posicionamento da instituição em face das questões sócio-políticas extrapolam a mera delimitação geográfica.

Grupos que abraçam a teologia da libertação são, também identificáveis em diversas regiões metropolitanas do país. As investidas carismáticas, igualmente, têm se tornado cada vez mais frequentes no interior.

As discrepâncias de opinião – inclusive entre cardeais – explicitam a crise que ronda a Igreja: no início da década de 90, o Bra-

sil contava com 110 milhões de católicos, dos quais apenas 5 milhões freqüentavam, com regularidade, os cultos e atividades paroquiais.

Paralelamente, o avanço das seitas pentecostais, popularmente conhecidas como evangélicas, agravava a situação. Essas seitas, utilizando-se maciçamente dos meios de comunicação para propagar sua ideologia, registraram um crescimento fenomenal: no período de 1989 a 1992 surgia em média uma nova igreja evangélica a cada dia útil, no Rio de Janeiro.

O contra-ataque católico foi organizado, principalmente, via renovação carismática. O apelo aos jovens, a espetacularização dos rituais e, sobretudo, a utilização da mídia fazem que os cultos carismáticos, em certa medida, se aproximem dos pentecostais.

A “nova roupagem” católica, todavia, apóia-se nas já conhecidas – e anacrônicas – idéias tradicionais, que determinaram o repúdio de alguns fiéis: a rígida hierarquização da instituição e o apego às orientações reacionárias do Vaticano.

A atuação política dos religiosos, sob a óptica dos carismáticos, é veementemente condenada. O distanciamento entre os dogmas e o contexto da comunidade é patente: com ares de modernidade, os padres da renovação fazem multidões pularem ao som de *hits*, como “O vira do Senhor”. No entanto, parecem incapazes de se sensibilizar com as necessidades concretas dos fiéis, como planejamento familiar e combate à miséria.

### A realidade inviabiliza a tradição

A vocação é um chamado de Deus ou da realidade? Esta pergunta alimenta o filme de Joffily: os padrões de oposição, estabelecidos entre o grupo de franciscanos e o de

carismáticos, parecem – cada qual à sua maneira – esforçar-se pela resposta.

As “farpas” e comentários ácidos – de ambos os lados – reiteram a controvérsia: o grupo da teologia da libertação, abertamente, acusa o Padre Marcelo Rossi de “marqueteiro” e ridiculariza a “liturgia de festa” dos oponentes carismáticos. Por outro lado, estes fincam o pé nas tradições: “a política não é da conta dos religiosos”, afirmam.

As próprias vestimentas denunciavam a conduta dos jovens religiosos. Os da renovação usam roupas sóbrias, escuras, alinhadas (mais uma vez, nota-se o respaldo na tradição). Os da teologia preferem um visual claramente despojado: bermudas, camisetas e chinelos (provavelmente, em consonância com os ideais de comprometimento social, conscientização política e aproximação da realidade dos fiéis, que dispensam os sinais distintivos). Ainda quando há a utilização de alegorias, há também a preocupação crítica: os “palhaços franciscanos” (modo como se vestem para dramatizar – e didatizar – a situação política do país) buscam chamar a atenção dos fiéis, alertando-os sobre sua responsabilidade comunitária.

As “brigas” entre as duas facções – que se tornam mais calorosas e apaixonadas com o desenrolar do filme –, aliadas ao trabalho estético presente na obra, fazem brotar com clareza a opção ideológica do diretor, ressaltando a boa tradição do documentário que não se nega a tomar partido.

O grande mérito de Joffily, no entanto, é o de explicitar uma situação concreta de



divergências e conflitos, no interior da mesma instituição – um tiro de misericórdia na tentativa desesperada da Igreja Católica em manter-se una e indivisível em um país de contradições antagônicas.

\*Contato - [marianaduccini@yahoo.com.br](mailto:marianaduccini@yahoo.com.br)